

A LEITURA E A ESCRITA NA ERA DIGITAL

Raquel Padilha Albuquerque¹

RESUMO

Este trabalho busca compreender como se dão a leitura e a escrita na era digital. O objetivo principal é comprovar que as pessoas não estão deixando de ler ou de escrever com a evolução da Internet. Com uma pesquisa quantitativa, obtém-se o resultado esperado: quando um usuário se conecta à Internet, ele está lendo e escrevendo. Isso prova que as pessoas estão realizando essas atividades com grande frequência, já que são duas condições necessárias para a existência do mundo digital.

Palavras-chave: Leitura; Escrita, Era Digital

ABSTRACT

This work seeks to understand how reading and writing is done in the digital age. The main objective is to prove that people are not avoiding reading or writing because of the Internet's evolution. With a quantitative survey, you get the expected result: when a user connects to the Internet, he is reading and writing. This proves that people are performing these activities frequently, since they are the two necessary conditions for the existence of the digital world.

Keywords: Reading; Writing; Digital Age.

RESUMEN

Este trabajo busca comprender cómo es realizada la lectura y la escritura en la era digital. El objetivo principal es comprobar que las personas no están dejando de leer o escribir con la evolución de la Internet. Con un estudio cuantitativo, se obtiene el resultado esperado: cuando un usuario se conecta a Internet, él está leyendo y escribiendo. Esto comprueba que la gente está llevando a cabo estas

¹ Graduanda de Bacharel em Letras Português na Universidade de Brasília.

actividades con mucha frecuencia, ya que son dos condiciones necesarias para la existencia del mundo digital.

Palabras clave: Lectura; escritura, era digital.

1. INTRODUÇÃO

Até o século XIX, a leitura era uma atividade constante no cotidiano das pessoas. Por meio de jornais, tinha-se notícia dos acontecimentos mundiais. Com o avanço da tecnologia e com a invenção do rádio, da televisão e do cinema, criou-se uma distância cada vez maior do hábito de leitura em prol de versões oral e visual de cultura e de lazer. Assim, a presença das pessoas em bibliotecas e em livrarias diminuiu, e o livro foi, aos poucos, subtraído do cenário de entretenimento.

A escrita teve uma trajetória parecida: com a invenção e a evolução do telefone, as pessoas deixaram de escrever cartas e passaram a se comunicar por meio de ligações. Conforme o sistema telefônico foi se desenvolvendo e se tornando mais acessível à população, o sistema de envio de cartas enfraqueceu e foi substituído por formas mais ágeis de comunicação: fax, e-mail e mensagens de celular.

Assim, com a evolução da tecnologia para computadores e *smartphones*, o principal meio de comunicação retornou à forma escrita. Atualmente, por meio de aplicativos e de redes sociais, mandamos e recebemos mensagens, informando aos nossos contatos acerca de nossas vidas, de nossos pensamentos e de nossas filosofias.

A leitura e a escrita na era digital são tão intrínsecas ao cotidiano que nem se percebe que, ao ligar o computador ou desbloquear a tela do celular, há uma leitura quase imediata. Enquanto estiverem conectadas à Internet, as pessoas estão lendo. Muito provavelmente, quando se recebe uma mensagem, responde-se, escrevendo. Mesmo que não seja a escrita tradicional, com papel e caneta, ela acontece com muita frequência.

Este tema – A leitura e a escrita na era digital – foi escolhido após uma reflexão sobre uma frase afirmada por uma professora em classe, mas que já ouvi de muitas pessoas: “Hoje em dia, ninguém lê mais, ninguém escreve mais. As pessoas perderam o costume de ler e de escrever”. Comecei a ponderar sobre todas

as vezes que as pessoas leem e escrevem durante o dia delas, seja no trabalho, montando relatórios, seja no meio acadêmico, escrevendo uma resenha, ou até mesmo no âmbito pessoal, conversando por mensagens de texto em um aplicativo. As pessoas estão lendo e estão escrevendo. No entanto, os meios de comunicação se modificaram.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura é um campo abrangente, que vai além da junção de letras e de palavras para compreensão de um sentido. De acordo com Freire (1989, p.13), “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Restringir a leitura à identificação de termos é ignorar que, a cada momento, é possível ler tudo, ainda que não haja palavras para serem lidas.

Seguindo esse raciocínio, Houaiss (2008, p. 457) define em seu dicionário a leitura como uma “maneira de compreender um texto, uma mensagem, um fato”. A leitura precede qualquer necessidade de texto escrito. Maria Helena Martins (2007, p. 11) afirma que, a partir dos nossos primeiros contatos com o mundo, começamos “a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler”.

Conforme o tempo passa, o ser humano começa a aprender a parte escrita que está vinculada à leitura. Na leitura do texto escrito, não é (MARTINS, 2007, p.12):

Apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e das suas circunstâncias de vida. [...] aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo.

Após esse estágio, é possível desenvolver uma técnica a fim de registrar informações e pensamentos por meio da escrita. Houaiss (2008, p.304) determina o ato de escrever como “[...] representar por sinais gráficos (pensamento, ideia, etc.); redigir”. O principal objetivo dessa representação é poder transpor a fala para o papel, transformando-a em um documento duradouro. Assim, um autor pode salvar suas ideias e romper as barreiras do tempo e do espaço. O maior exemplo que se tem hoje é a Bíblia. “Alguns de seus inscitos datam de cinco mil anos atrás”

(LUCADO, 1955, p.6) e perpetuaram palavras proferidas por pessoas em diferentes épocas e contextos.

A escrita foi, entretanto, uma competência criada pelo ser humano. Sua história se inicia antes da revolução do alfabeto e da pictografia, com um processo lento e, em alguns momentos, estagnado. Mas, apesar disso, foi fundamental para a conservação do pensamento humano e da sociedade como um todo.

2.1. A leitura e a escrita: breve histórico

A primeira tentativa de registro escrito foi feita por meio de pinturas rupestres. De acordo com o *site* Portal D'Arte²:

Uma das primeiras formas que o ser humano encontrou para deixar seus vestígios foi a pintura. A arte rupestre consistiu na maneira utilizada para se ilustrar sonhos e cenas do cotidiano. Símbolos da vida, da morte, de céu e da terra foram encontrados nas paredes cálidas das cavernas.

Por meio de símbolos, de rabiscos e de desenhos, o ser humano desenvolveu uma forma de conservar sua história e sua cultura. Assim, seu conhecimento seria transmitido de geração em geração, e para todos os povos que passassem por um local com esse tipo de registro. De acordo com Dehaene (2012, p.198), “por meio da gravura e do desenho, a humanidade inventa uma primeira forma de ‘autoestimulação’ de seu sistema visual”.

Segundo Diderot e d’Alembert (*apud* DEHAENE, 2012, p.199)³:

Esta maneira de comunicar nossas ideias através de marcas e através de figuras consistiu desde o início em desenhar muito naturalmente as imagens das coisas; assim, para exprimir a ideia de um homem ou de um cavalo, representou-se a forma de um ou de outro. O primeiro ensaio de escrita, (*sic*) foi, como se vê, uma simples pintura; soube-se pintar antes de se saber escrever.

Junto aos desenhos, o ser humano também representava o mundo por meio de símbolos escritos. “Na maior parte, eram reproduções gráficas de fenômenos comuns do mundo físico” (FISCHER, 2009, p.15). No entanto, esses símbolos não eram suficientes para expressar as informações. A pictografia surge,

² Disponível em <<http://www.portaldarte.com.br/pinturarupestre.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

³ O autor não citou a referência na obra.

então, para complementar a mensagem dos símbolos escritos, uma vez que a grande vantagem desse sistema é a fácil compreensão: não é necessário aprender significados e sistemas complexos, pois qualquer pessoa pode entender o que uma imagem representa.

Por outro lado, a pictografia não consegue expressar ideias abstratas, sentimentos e intenções. Ela se limita a registrar um fato ou um objeto, mas não consegue descrever a história como um todo. Assim, percebeu-se a necessidade de um sistema que resolvesse esse empecilho. Tem-se, então, o desenvolvimento da primeira escrita: a escrita cuneiforme.

Para garantir seus contratos e seus acordos, os sumérios inventaram os sinais, que eram pequenos objetos feitos de argila para simbolizar aquilo que se estava acordando. O uso desses sinais se espalhou pela Mesopotâmia do século IV a.C. ao século III a.C. No entanto, a evolução dessa forma de registrar informações eventualmente aconteceu, como é explicado no Documentário “A História da Palavra - O Nascimento da Escrita”⁴ (doravante mencionado como Documentário, 2016):

Os sinais eram mantidos em jarros de argila. A superfície dos jarros era marcada com o mesmo padrão dos sinais guardados dentro deles. Por fim, os sinais originais tornaram-se obsoletos, e o próprio jarro servia como espécie de sinal. Com o passar do tempo, os jarros se tornaram algo mais portátil. No começo do terceiro milênio antes de Cristo, os jarros acabaram sendo substituídos por tábuas de argila.

Para Christopher Walker (DOCUMENTÁRIO 1, 2016), curador do Museu Britânico:

Eles foram da fase de sinais para a fase de escrita porque era um sistema mais rápido e econômico de guardar informação. [...] Era algo mais rápido para todos fazerem e era bem mais fácil de se guardar.

Dessa forma, os sumérios criaram a escrita cuneiforme, que leva esse nome por causa de seu formato de cunha. “Foram levados a criar dezenas de caracteres fixos cujas cunhas estilizam o desenho até torná-lo irreconhecível” (DEHAENE, 2012, p.203). Assim, a pictografia foi substituída pelos caracteres cuneiformes.

⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=TVxmJoi-DDg>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

Uma tática muito usada pelos sumérios era o princípio de *rébus*, que é o uso de ideogramas para representar o som de parte da palavra desejada: encontrando, dentro dela, um termo que possa ser representado por um desenho. Assim, o significado era decifrável a partir da junção dos caracteres cuneiformes com a pictografia. Para uma palavra abstrata, cujo significado era impossível de desenhar, utilizava-se o princípio de *rébus* para expressar tal palavra. O problema era que, ao fazer isso, criou-se uma ambiguidade: o leitor tinha dificuldade em saber se o desenho estava separado do caractere, ou se fazia parte desse a fim de formar uma palavra nova.

Dehaene (2012, p.207) aponta os limites para esse feito:

Um sistema puramente “picto” ou “logográfico”, onde cada palavra possuiria seu próprio símbolo, seria impossível de memorizar num tempo razoável, sabendo que cada um de nós domina umas 50.000 palavras. Um sistema combinatório, baseado sobre os fonemas é, pois, indispensável. Inversamente, a notação apenas de sons não é suficiente: na maior parte das línguas, existem tantos homófonos, [...] que a escrita fonológica pura sofreria imensas ambiguidades e se tornaria comparável à paciente decodificação de um *rébus* [...]. O melhor compromisso parece, pois, consistir num sistema misto, que misture os elementos fonológicos com os do significado.

Surgiu, então, a oportunidade de se criar um novo sistema mais simples e que suprisse todas as necessidades do ser humano. Os criadores se basearam no passado, mas sem cometer os mesmos erros que as civilizações anteriores (DEHAENE, 2012, p.208):

Eles se inspiraram, sem dúvida alguma, nas escritas egípcias e cuneiformes que os cercavam, mas a ocasião era ideal para se libertarem do peso da história para extrair princípios mais simples. Foi nesse momento que os escribas repudiaram o princípio de uma escrita ideográfica, cujos caracteres denotam, sob uma forma imagética, o significado das palavras, para se concentrar exclusivamente sobre o registro abstrato das raízes e dos sons da língua.

Há registros de que o primeiro alfabeto tenha sido criado pelos Fenícios, por volta de 1200 a.C. O alfabeto era limitado a consoantes: “sons ou fonemas que só existem na língua falada no momento em que ‘soam’, ou, melhor dizendo, são ouvidos ao lado das vogais” (JEAN, 2008, p.53). Por serem navegadores que mantinham comércio com diversos povos, o alfabeto Fenício se espalhou por todo o Mediterrâneo Oriental.

Já no século VIII a.C., na área da atual Síria, foi encontrado, de acordo com Jean (2008, p.54), “um alfabeto ‘aramaico’ semelhante, em alguns detalhes, àquele utilizado pelos fenícios”. Essa escrita é importante para alguns livros do Antigo Testamento, da Bíblia. No entanto, a maior parte deles foi registrada em hebraico, e os registros mais antigos datam de 700 a.C.

Jean (2008, p.55) afirma que “tanto a escrita árabe quanto a hebraica são originárias do alfabeto fenício”. Isso possivelmente se deve ao comércio entre os povos, que acabava por germinar línguas, costumes, histórias e culturas diversificadas. Dehaene (2012, p.210) conclui que:

Com o alfabeto, a escrita, enfim, se democratizou. Não era mais necessário investir anos de aprendizagem para pertencer, enfim, à casta invejada dos escribas. Qualquer pessoa motivada poderia aprender a ler e a escrever a vintena de caracteres do alfabeto.

Todavia, algo ainda se fazia necessário: as vogais. As letras só especificavam as raízes das palavras, ignorando a forma como elas eram faladas. Como bem define Saussure (2006, p.34), “língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro”. Assim, precisava-se constituir letras que simbolizassem, na escrita, esses encontros silábicos. Nessa seara, os fenícios revolucionaram sua escrita especificando (DEHAENE, 2012, p.210, grifo do autor):

A qualidade de certas vogais através de símbolos adicionais, denominados *matres lectionis* (“mães da leitura”). Essas “mães” não são outras senão algumas consoantes convertidas para representar a presença de certas vogais. A ideia parece ter gerado modificações espontâneas de pronúncia das palavras.

Os problemas aí, de acordo com o autor, são: não havia representação para todas as vogais e a ambiguidade estava presente, já que se poderia ficar em dúvida se a consoante era consoante mesmo, ou se estava ali apenas representando uma vogal.

Os gregos trouxeram a solução e, conseqüentemente, criaram o alfabeto utilizado atualmente. Eles englobaram em seu alfabeto signos fenícios que, para eles, não tinha nenhum significado, mas as transformaram em vogais: “A (alfa), E (epsílon), O (ômicron), Y (ipsilon). Quanto ao I (iota), foi uma inovação” (JEAN, 2008,

p.61). E o alfabeto continua evoluindo, para “distinguir as classes de sons que também evoluem na língua grega” (DEHAENE, 2012, p. 211).

Assim, constituiu-se o esqueleto do alfabeto moderno. Claro que existem variações de língua para língua. No espanhol, por exemplo, há a existência da consoante *ñ*. Já no português, até certo tempo atrás, não havia, no alfabeto, as letras *k*, *y* e *w*. Mas, ainda assim, grande parte do alfabeto latino tem a mesma estrutura daquele desenvolvido pelos gregos.

Então, com o alfabeto, é possível criar um sistema de escrita universal que conserve qualquer tipo de informação que seja importante para algum propósito diferente. Como Bajard (2007, p.16) determina, “o conhecimento da função sonora das 26 letras possibilita ‘sonorizar’ a escrita e, inversamente, partindo da língua oral, permite escrever o que se quer”.

Embora esse sistema tenha se mantido o mesmo, o material de trabalho daquele que escreve mudou. Se antes era em paredes de cavernas, em argila, em papiro, em pedra e até mesmo em papel, nos dias atuais, a tecnologia substituiu o meio artesanal e transformou o principal meio de escrita para o modo digital. Ainda que se utilize papel, este costuma ser para a impressão de um texto que se encontra em um aparelho tecnológico, como computadores, celulares *smartphones* ou *tablets*.

Com essa mudança, há alterações tanto na escrita como na leitura, inclusive em como se entende um texto. Essas mudanças não são, sobretudo, necessariamente ruins. São apenas jeitos diferentes de entrar em contato com a informação desejada e de realizar o papel de leitor e de escritor. O manuscrito dá lugar ao digitado e o ser humano se adapta a essa nova mudança. Mas de que forma se dão a leitura e a escrita nessa nova etapa da história do ser humano?

2.2. A leitura e a escrita em sociedades midiáticas

Com o avanço da tecnologia, foi possível realizar um novo padrão de leitura e de escrita. No entanto, não há como pensar nessa evolução sem conhecer as origens dos meios para isso: o computador e a Internet.

Houaiss (2008, p. 175) define o computador como “equipamento eletrônico capaz de guardar, analisar e processar dados de acordo com programas previamente estabelecidos”. Apesar de seu caráter eletrônico, ele foi derivado de um aparelho que surgiu na antiguidade, por volta de 5.500 a.C.: o ábaco (GUGIK, 2009).

De acordo com o vídeo “História do computador em minutos”⁵ (doravante DOCUMENTÁRIO 2, 2016), trinta séculos depois, Blaise Pascal construiu a primeira calculadora analógica, que é tataravó dos computadores eletrônicos.

Mas essa calculadora não foi suficiente para realizar os cálculos e, de acordo com o Documentário 2 (2016), para:

Processar dados cada vez mais complexos da economia e da ciência. [...] A explosão econômica da primeira metade do século XX levou Herman Hollerith a inventar um sistema que usava cartões perfurados para contabilizar tabelas de dados

Ainda de acordo com o Documentário 2 (2016), durante o período da segunda guerra mundial, havia a necessidade de calcular trajetórias de bombas, de decifrar mensagens secretas, e isso estimulou os cientistas a criarem o ENIAC: uma máquina enorme formada por circuitos lógicos que funcionavam com milhares de válvulas.

Depois da guerra, os computadores continuaram muito grandes, chegando a ocupar até um prédio inteiro. Para a sua função de calcular, esse tamanho era aceitável. No entanto, outros objetivos foram atribuídos às máquinas, o que tornou inviável mantê-los assim. O próximo desafio para o aprimoramento dos computadores foi a corrida espacial: era preciso desenvolver computadores menores e mais poderosos para serem instalados nas pequenas cápsulas espaciais. É essa necessidade de redução de espaço e de ganho de potência que permitiu a popularização do computador (DOCUMENTÁRIO 2, 2016).

A partir daí, os computadores substituíram as máquinas de escritório e se tornaram uma das principais formas de entretenimento disponíveis no mercado, ocorrendo em 1990, o começo de uma produção em massa dos chamados “computadores pessoais”.

Ainda que computadores pessoais sejam utilizados hoje em dia, a partir de 2002, uma nova tecnologia surgiu: o *smartphone*. De acordo com o *site* Techtudo⁶, o *Blackberry* foi o precursor ao dar início à nova função dos celulares:

O aparelho oferecia sistemas de e-mail e navegação na web, além de conexão móvel. Mas, apesar de todos os lançamentos importantes daquela década, ela será marcada pelo surgimento do

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=F3qWg1JBPZg>>. Acesso em: 14 maio 2016.

⁶ Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/08/dia-da-informatica-confira-historia-do-computador-e-sua-evolucao.html>>. Acesso em: 14 maio 2016.

iPhone. [...] Em 2007, Steve Jobs apresentou o aparelho. [...] Era o primeiro smartphone com tela sensível ao toque e com sistema operacional avançado, capaz de rodar aplicações complexas, como player de música com animações. Entra também nessa década o lançamento do iPad, em 2010, responsável pela criação de uma indústria inteira de tablets, assim como o iPhone fez com os smartphones.

Já a Internet, de acordo com Houaiss (2008, p. 430), significa:

Rede mundial de computadores, formada por uma reunião de redes interconectadas utilizando protocolos de comunicação padronizados, que fornece informações e ferramentas de comunicação para seus usuários.

Como explicado no vídeo “A História da Internet”⁷, sua origem foi na Guerra Fria, em 1960, quando os Estados Unidos criaram uma forma de armazenar dados em computadores que estivessem conectados entre si por uma rede. “Desse modo, as informações não poderiam ser destruídas por bombardeios e estariam interligadas com pontos estratégicos, como centros de pesquisa e tecnologia”.

Na década seguinte, quatro universidades começaram a usar essa rede para se interligarem. Quatro anos depois, quarenta instituições acadêmicas já estavam inseridas nesse meio de compartilhamento de dados e de informações. De acordo com “A História da Internet”:

A partir de 1993 a Internet deixou de ser uma instituição de natureza apenas acadêmica e passou a ser explorada comercialmente, tanto para a construção de novos backbones⁸ por empresas privadas (PSI, UUnet, Sprint,...) como para fornecimento de serviços diversos, abertura essa a nível mundial.

Conforme os computadores e a Internet foram se desenvolvendo e se popularizando, as pessoas começaram a utilizá-los com mais frequência e para os mais diversos objetivos: comunicar-se por meio de redes sociais e de e-mails, assistir a séries e filmes, ler notícias e informações importantes, comprar e vender produtos, compartilhar experiências em *blogs* e *vlogs* e realizar pesquisas, além de muitos outros.

⁷ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=B0VY3jI1D9Y>>. Acesso em: 14 maio 2016.

⁸ De acordo com o *site* Tecmundo, “backbone significa “espinha dorsal”, e é o termo utilizado para identificar a rede principal pela qual os dados de todos os clientes da Internet passam. É a espinha dorsal da Internet”. Disponível em <<http://www.tecmundo.com.br/conexao/1713-o-que-e-backbone.htm>>. Acesso em: 14 maio 2016.

As novas tecnologias trouxeram um mundo de possibilidades, em que não há mais limites de tempo e de espaço. A informação circula no aqui e no agora, e o leitor não é mais só um observador, também faz parte diretamente da criação de um texto. Para Freitas (2011, p. 16):

A leitura não é mais linear e se converte agora em um outro termo: navegar. Enquanto manuseamos um livro, viramos sequencialmente suas páginas. O hipertexto informatizado nos dá condições de atingir milhares de dobras imagináveis atrás de uma palavra ou ícone, uma infinidade de possibilidades de ação, muitos caminhos para navegar. O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel.

Esse novo leitor participa também como escritor e até como coautor de uma obra digital. De acordo com Costa (2011, p. 23),

[...] há uma mudança na concepção de leitor e autor, como se tratasse de uma autoria coletiva ou de uma coautoria. Leitura se torna simultaneamente escrita. [...] Os dispositivos hipertextuais e as redes digitais desterritorializaram o texto: são textos sem fronteiras próprias, com implicação na quebra de fronteiras entre leitura e escrita.

Com a chegada dessa nova concepção da leitura e da escrita, uma problematização muito feita é a de que, com o avanço da tecnologia, as pessoas não estão lendo nem escrevendo como faziam antigamente, quando a comunicação era por meio de cartas e o entretenimento era em parte composto por livros. Mas será que, só porque elas não estão utilizando livros nem mandando cartas, isso quer dizer que elas deixaram de ler ou de escrever?

Vale lembrar que a leitura e a escrita no campo virtual se dão, em sua grande parte, de formas diferentes daquelas realizadas no papel, salvo em documentos, em pesquisas e em trabalhos acadêmicos ou escolares. Costa (2011, p. 20) define ciberespaço como sendo “uma esfera social de comunicação viva da ‘oralidade’ feita de maneira mais complicada e mais complexa, cujas mensagens potenciais podem ser lidas/escritas em várias direções”.

Essa coligação entre a língua falada e a escrita é um sistema completamente novo. O que antes era separado por regras padronizadas, agora se unificou e gerou uma nova forma de se comunicar. Para Costa (2011, p. 24):

O oral e o escrito se dissolvem, principalmente levando-se em conta as condições de produção discursiva digital de um tipo de ‘fala’ que

faz uso da escrita mediada pelo teclado. Trata-se, sem dúvida, de mudanças no processo de construção discursiva da linguagem e não de mera construção ou invenção de novos códigos.

Um exemplo dessa modificação para se comunicar é o *chat*, ou bate-papo. No entanto, não é uma conversa feita de forma presencial, mas palavras digitadas são utilizadas como forma de se expressar. Para Bernardes e Vieira (2011, p. 46):

A dimensão temporal desse tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronidade em tempo real aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens.

As próprias ideias que as conversas digitadas produzem são diferentes das conversas faladas. Possuem características próprias que, combinadas a um prévio conhecimento do que significam, dão identidade e significado ao que é “dito”. Ainda de acordo com Bernardes e Vieira (2011, p. 55):

Os enunciados nesse novo contexto caracterizam-se, portanto, por serem breves e concisos, expressos através de uma escrita geralmente abreviada, cujos aspectos normativos são de segunda ordem. Para suprir a ausência do tom de voz, gestos e expressões faciais próprias de uma interação face a face, os interlocutores desse meio eletrônico também lançam mão de outros recursos que, além de expressar sentimentos e emoções, cumprem, no espaço dos *chats*, funções de comunicação.

Por causa dessa característica quase oral das conversas escritas, muitas vezes a produção feita em *chats* não é considerada como leitura e como escrita. Assim, a grande preocupação atual de muitas pessoas é a de que não se lê mais. Maria Helena Martins (2007, p. 25) aponta como problema “a leitura, como em regra a entendem, estar limitada à escola, com a utilização preponderante dos chamados livros didáticos”.

É verdade que, de 2007 para cá, a tecnologia avançou consideravelmente, e a oportunidade das pessoas terem contato com ela cresceu muito. No entanto, ainda é um questionamento atual, e muitos apontam uma substituição do livro pelo computador e pela Internet (FREITAS, 2011, p. 12):

Assim, vemos às vezes com reservas o uso do computador, da Internet por um número cada dia maior de pessoas e nos perguntamos se a nova forma de leitura e escrita não estaria ocupando ou até desativando o lugar do livro enquanto códex.

Não é difícil encontrar manchetes que informam que as pessoas não leem, que os brasileiros leem pouco, ou que os jovens só leem se forem obrigados. O Jornal da rede Globo publicou uma notícia com o título “70% dos brasileiros não leram em 2014, diz pesquisa da Fecomercio - RJ”. A explicação é que 7 em cada 10 brasileiros não leram nenhum livro em 2014. De acordo com o portal G1⁹:

A leitura de livros caiu de 35% para quase 30% dos entrevistados. 70% dos pesquisados não leram um único livro neste último ano. [...] O uso da internet, facilitado pelos smartphones é apontado na pesquisa como um dos responsáveis pela queda na leitura, principalmente entre os jovens.

De acordo com outro relatório divulgado pela Fecomércio, em dezembro de 2015, a leitura de livros cresceu 6% desde sua última coleta de dados feita em 2014. Ainda assim, é um número baixo, considerando a quantidade de entrevistados (1200 consumidores de 72 municípios).

No entanto, essa informação não quer dizer que as pessoas não estão mais lendo, tampouco por causa da Internet. Pelo contrário, as pessoas continuam lendo e escrevendo, e muitas vezes fazem isso por meio da Internet. Isso quer dizer que, de alguma forma, as pessoas ainda continuam praticando esses exercícios, ainda que de uma maneira completamente nova.

Com a finalidade de comprovar essa afirmação, realizei uma pesquisa quantitativa. Inicialmente, foi-se perguntado se o entrevistado utiliza ou não a Internet. Em caso afirmativo, ele foi convidado a informar para que acessa, podendo escolher mais de um item. As opções eram: redes sociais, e-mail, notícias, séries e filmes, compras *online* ou outros. Caso ele respondesse que utiliza redes sociais, foi pedido para apontar quais ele utiliza, podendo escolher mais de uma resposta. Ele poderia escolher entre *Facebook*; *Twitter*; *Instagram*; *Whatsapp*, *Facebook Messenger* ou outra plataforma de bate-papo; *Tumblr* ou outra plataforma de blog; *Youtube*; e outros.

As próximas perguntas questionavam se o entrevistado lê fora de meios escolares, acadêmicos ou profissionais, e se ele escreve também fora desses meios. Em caso afirmativo, pedia-se que ele justificasse com o que lê ou escreve.

⁹ Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>>. Acesso em: 15 maio 2016.

Em seguida, ele respondeu quanto tempo, nos dias em que ele acessa, em média, ele passa no *Facebook*, no *Twitter*, no *Instagram* e no *Tumblr* ou em outra plataforma de blog. Caso ele não utilizasse uma dessas opções, ele deveria seguir para o próximo item.

A próxima etapa era responder se ele lê postagens, legendas de fotos, comentários e respostas de comentários feitos por outra pessoa. Da mesma forma, perguntou-se se ele posta, escreve legendas nas fotos dele, comenta ou responde comentários.

Depois, questionou-se a frequência com que ele usa o *Whatsapp*, o *Facebook Messenger* ou outra plataforma de bate-papo para ler mensagens. Assim, também se pediu a frequência com que ele usa o *Whatsapp*, o *Facebook Messenger* ou outra plataforma de bate-papo para responder e/ou mandar mensagens. Ele poderia deixar essas perguntas em branco caso ele não utilizasse essas plataformas.

Ainda sobre frequência, perguntou-se ao entrevistado se ele tem o hábito de ler os comentários e/ou as respostas aos comentários dos vídeos no *Youtube*. Também foi perguntado se ele costuma comentar e/ou responder comentários em vídeos do *Youtube*. Da mesma forma, ele tinha a opção de seguir para a próxima sessão caso ele não entrasse nessa rede social.

Em seguida, pediu-se para que ele indicasse, por dia acessado, quantos e-mails ele lê e quantos ele responde ou manda. Se ele não utilizasse e-mail, deveria seguir para a próxima pergunta, que era sobre a quantidade de notícias *online* que ele lê, quando ele lê. Além disso, ele deveria informar quantos livros ele leu nesse ano (2016).

Por fim, foi perguntado a faixa etária, o gênero com o qual o entrevistado se identifica e sua profissão.

3. METODOLOGIA

3.1. Pesquisa quantitativa

Por se tratar da frequência de utilização da Internet, o presente estudo se baseia em uma pesquisa quantitativa. De acordo com Houaiss (2008, p.620), quantitativo é aquilo “relativo a quantidades numéricas ou valores”. Assim, Analisou-se números e frequências com que certas atividades *online* aconteceram.

3.2. Objetivos

O objetivo principal deste artigo é evidenciar que as pessoas estão de fato lendo e escrevendo, ao contrário do que muitos afirmam. Mais do que isso, estão realizando essas atividades com o auxílio da Internet, por meio de redes sociais, e-mails, plataformas de bate-papo, entre outros.

3.3. Procedimentos técnicos

Esta pesquisa teve como procedimento técnico o levantamento. Segundo Gil¹⁰:

As pesquisas deste tipo caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados.

Quando o levantamento recolhe informações de todos os integrantes do universo pesquisado, tem-se um censo.

Já nos procedimentos para o desenvolvimento deste trabalho, primeiramente buscou-se uma compreensão acerca da história da leitura e da escrita. Após essa etapa, foram analisados os históricos dos computadores e da Internet, bem como o funcionamento dos atos de ler e de escrever nas sociedades midiáticas. Por fim, realizou-se uma pesquisa quantitativa com 739 entrevistados, que teve por objetivo estabelecer as atividades da leitura e da escrita por meio da Internet.

3.4. Corpus

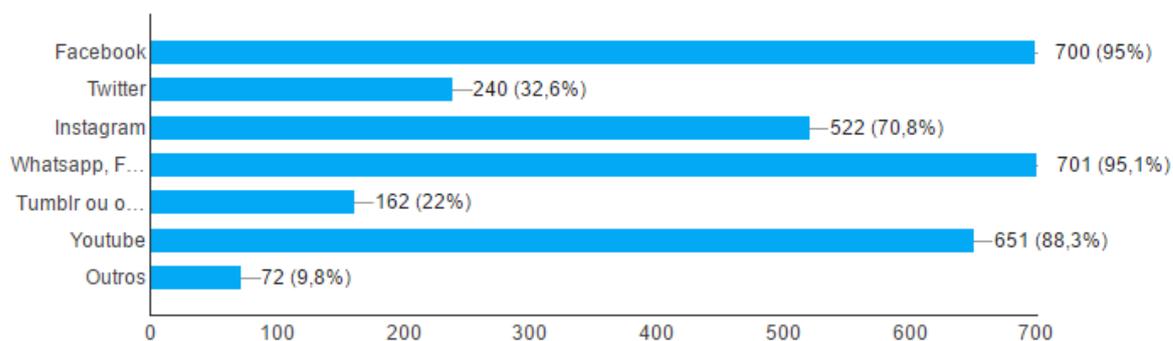
O corpus deste estudo é a própria Internet, com enfoque às redes sociais, aos correios eletrônicos (e-mails) e às plataformas de bate-papo, uma vez que são áreas da Internet em que se lê e se escreve com mais frequência, mesmo que as pessoas não tenham conhecimento de que estão realizando essas atividades.

¹⁰ Disponível em <http://www.ngd.ufsc.br/files/2012/04/ric_CLASSIFICAPESQUISAGIL.doc>. Acesso em: 24 jun. 2016.

4. ANÁLISE DE DADOS

Dos 739 entrevistados, 99,9% informou acessar a Internet, enquanto 0,1% disse que não utiliza. Desses, 721 utilizam redes sociais, 691 utilizam e-mail, 718 acessam notícias, 621 assistem a séries e filmes e 486 fazem compras *online*.

Entre os entrevistados que utilizam redes sociais, há uma grande diversidade no uso das plataformas, como se pode ver no gráfico:



Como se pode ver, 700 entrevistados acessam ao *Facebook*, enquanto 701 utilizam *Whatsapp*, *Facebook Messenger* ou outra plataforma de bate-papo. No entanto, quando questionados sobre a leitura que realizam fora de meios acadêmicos, profissionais e escolares, os resultados foram bem diferentes: 508 pessoas informaram que leem em meios que não sejam na Internet, ao passo que 80 disseram não ler nada. Apenas 112 citaram ler por meio da Internet.

Os números para a escrita em meios não acadêmicos, não profissionais e não escolares são ainda mais divergentes: 386 entrevistados afirmaram que não escrevem, ou que escrevem raramente. 206 explicitaram que escrevem coisas que não envolvem Internet. Apenas 112 citaram o uso da Internet como forma de escrita.

No entanto, todos esses entrevistados informaram que utilizam redes sociais, buscam por notícias *online* e/ou acessam seus e-mails. Eles estão lendo e escrevendo o tempo todo, mas estão fazendo essas atividades inconscientemente.

Assim, dois entrevistados afirmaram que não escrevem, apenas respondem e-mails. Outro disse que “não é um hábito regular, somente e-mails e publicações em redes sociais”. Apesar de ele não considerar uma rotina, ele alegou utilizar o *Facebook*, por exemplo, num período de 4 a 7 horas, e disse estar sempre conectado ao *Whatsapp*, ao *Facebook Messenger* ou a outro tipo de plataforma de

bate-papo. No entanto, quando questionado se lê fora de meios acadêmicos, profissionais ou escolares, apenas citou a leitura de livros de literatura e de notícias.

Esse caso não foi exceção. Outro entrevistado informou que apenas lê livros variados, mas que não escreve nada. No entanto, ele passa de 8 a 15 horas no *Facebook*, lê e escreve de 11 a 19 e-mails e faz a leitura de mensagens no *Whatsapp*, sempre enviando e/ou as respondendo.

Um entrevistado, por outro lado, se contradisse ao perceber que a Internet funciona com base na escrita. Quando perguntado se considera que lê fora de meios acadêmicos, escolares ou profissionais, disse que escreve “muito pouco. Se considerar conversas através do digital, escrevo bastante”.

Outro entrevistado informou que se comunica “socialmente pela escrita”, demonstrando uma percepção do uso da escrita para entrar em contato com outras pessoas, principalmente pelas redes sociais, já que essa pessoa afirma utilizar o *Facebook* durante o intervalo de 4 a 7 horas, enquanto sempre está conectado ao *Whatsapp*, tanto para receber quanto para enviar mensagens. Além disso, informou que lê e escreve mais de 40 e-mails nos dias em que acessa.

Como comentado anteriormente, Martins (2007, p.12) afirma que, na leitura do texto escrito, não é importante apenas o conhecimento da língua, mas também entender um sistema de relações interpessoais entre as mais diversas áreas da expressão e do conhecimento humanos, bem como das experiências de vida. Como ele mesmo diz, “aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo”.

A diferença é que, com a popularização da Internet, tudo se tornou muito mais interligado do que antes. Há uma mistura de conhecimentos e, ao ler na Internet, a pessoa acaba fazendo uma ligação direta com todas essas áreas. Além disso, novas áreas foram criadas, como abreviações de termos (você virou *vc* ou *cê*, porque virou *pq*, entre outros), transformações de símbolos em expressões faciais e *caps lock* para representar um tom de voz elevado.

Assim, é de se esperar que a utilização de redes sociais seja o item mais marcado pelos entrevistados, já que é o local em que essas coisas acontecem com maior frequência. A tabela a seguir mostra as marcações deles quanto ao tempo de uso de cada rede social:

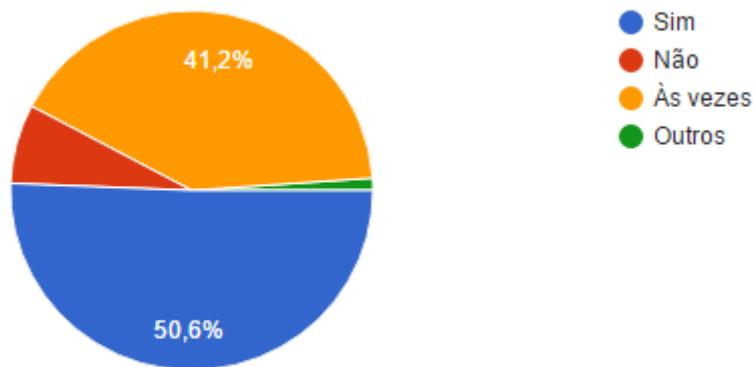
	Facebook	Twitter	Instagram	Tumblr ou outra plataforma de blog
De 0 a 5 minutos	6%	53,3%	26%	52,5%
De 6 a 29 minutos	15,8%	15,2%	31,5%	14,9%
De 30 minutos a 1 hora	22,9%	9%	22,3%	13,4%
De 1 a 2 horas	20,2%	6,6%	10,5%	7,4%
De 2 a 3 horas	16%	4,1%	5,9%	4,4%
De 4 a 7 horas	14,3%	2,1%	2,4%	1,5%
De 8 a 15 horas	3,3%	1,6%	1,4%	0,2%
Outro	1,5%	8%	0%	5,7%

Enquanto o uso do *Facebook* e do *Instagram* se encontram bem distribuídos, principalmente nos períodos de menor tempo, o *Twitter* e o *Tumblr* ou outra plataforma de *blog* estão com seus usos concentrados entre 0 e 5 minutos. Isso porque os *blogs* perderam seu espaço para os vlogs, que, muitas vezes, são compartilhados no *Youtube*. Já o *Twitter* não é uma rede muito utilizada: apenas 240 entrevistados a utilizam, sendo que grande parte deles passa no máximo 5 minutos.

No entanto, o *Facebook* cumpre o papel que o *Twitter* e as plataformas de *blog* não cumprem. Assim, até o valor do intervalo de 4 a 7 horas demonstra um considerável número de pessoas: 104 entrevistados afirmam utilizar o *Facebook* durante esse tempo.

Ainda sobre essa plataforma, 167 pessoas afirmaram permanecer *online* durante o período de 30 minutos a 1 hora. O dado é interessante, já que é o maior valor percentual, pois até mesmo 30 minutos de leitura e de escrita é um tempo razoável para a prática dessas atividades.

Quando perguntados se fazem leituras de postagens, de legendas de fotos, de comentários e de respostas de comentários feitos por outras pessoas, 71,9% dos entrevistados afirmaram que sim, enquanto 27,3% disseram que às vezes e apenas 0,7% (o equivalente a 5 pessoas) disse que não. Já para a pergunta “você posta, escreve legendas em suas fotos, comenta ou responde comentários?”, o resultado foi mais unânime, como mostra o gráfico abaixo:

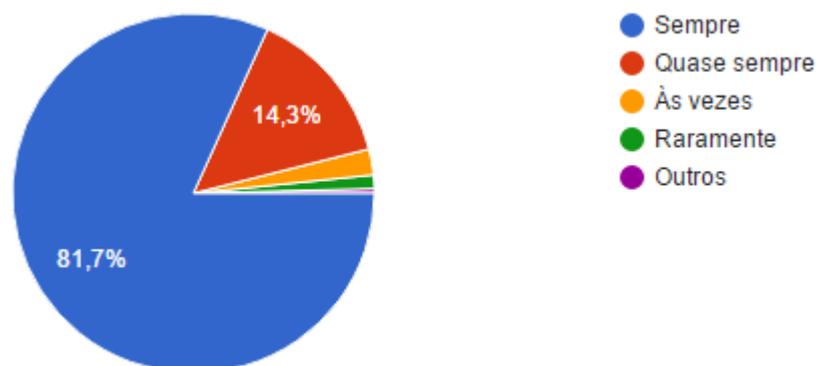


Escrita de postagens, de legendas em fotos, de comentários ou de respostas a comentários

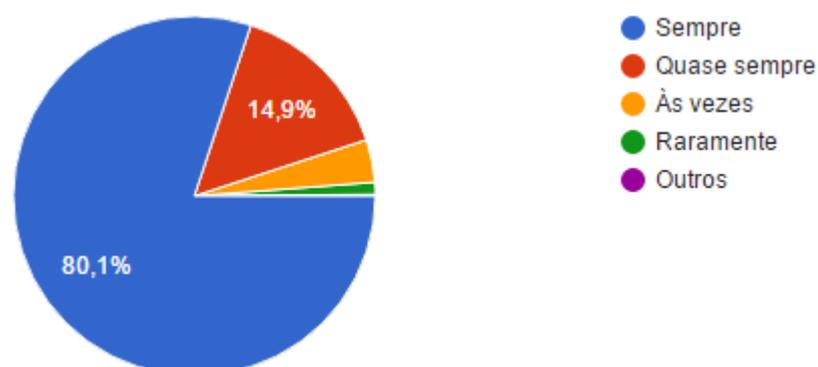
De qualquer forma, apenas 7,1% (o equivalente a 52 pessoas) informou que não escreve nessas redes sociais. Apesar de as pessoas passarem um tempo significativo nas redes sociais e afirmarem que estão lendo e escrevendo, elas não consideram esse tipo de leitura e de escrita tão válido quanto o feito em outros meios que não os *online*.

Aqui se tem uma ideia do que se referiu Costa (2011, p. 23), ao afirmar que as redes digitais desmarcam as fronteiras dos textos, e não há mais uma divisão entre a leitura e a escrita. Justamente por essa falta de caracterização do ato de ler e de escrever no campo *online*, as pessoas não consideram a navegação como prática dessas atividades. Isso fica explícito quando grande parte não cita a Internet como fonte de leitura e de escrita, mesmo passando horas em redes sociais, ou enviando muitas correspondências eletrônicas (comumente chamadas de *e-mails*).

Já sobre a frequência da utilização do *Whatsapp*, do *Facebook Messenger* ou de outra plataforma de bate-papo, tanto para a leitura quanto para a escrita, grande parte dos entrevistados indicaram fazê-las, como demonstram os dados dos gráficos adiante:



Leitura no Whatsapp, no Facebook Messenger ou em outra plataforma de bate-papo.



Escrita no Whatsapp, no Facebook Messenger ou em outra plataforma de bate-papo.

De 701 entrevistados, mais de 80% afirmam que sempre leem e escrevem nessas plataformas de bate-papo. Já um pouco mais de 14% disse que quase sempre lê e escreve. Apenas 2,3% lê às vezes, ao passo que 3,1% escreve às vezes. E ainda 1,2% (o que equivale a 9 pessoas) raramente lê, enquanto 1,1%, isto é, 8 entrevistados, raramente escreve.

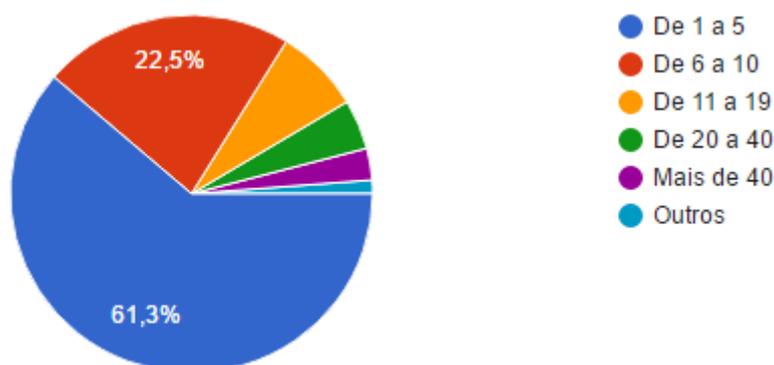
No que se diz respeito à leitura nesses *chats*, 9 pessoas afirmam que quase nunca leem mensagens, mas leem. Esse é o pior dos cenários. No melhor, 81,7%, o que equivale a 599 entrevistados, lê sempre.

A escrita não fica muito distante dessa realidade: 8 entrevistados quase nunca escrevem mensagens, mas ainda assim estão escrevendo. E o equivalente a 586 pessoas, o que corresponde aos 80,1% apresentados nos gráficos acima, escrevem sempre. Ou seja, 95,1% dos entrevistados estão utilizando o *Whatsapp* e, conseqüentemente, estão lendo e escrevendo.

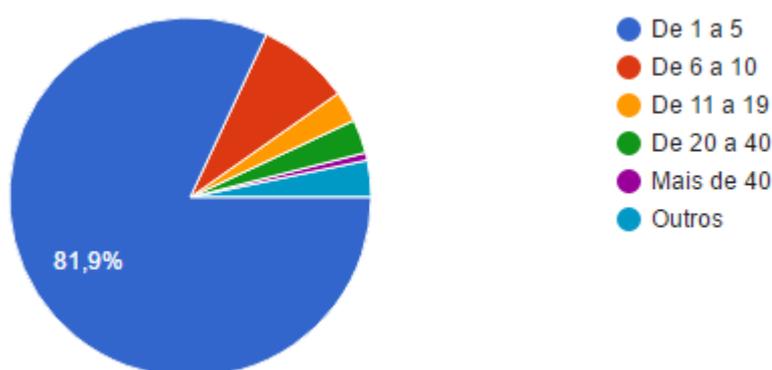
Como pontuado por Costa (2011, p. 24), há uma dissolução do oral e do escrito: eles se mesclam e formam um discurso oral na própria escrita, com o uso do

teclado. Assim, é possível pensar na escrita como um meio para se chegar à “fala” digital, que é feita instantaneamente, numa ideia reciclada da conversa por telefone, com a ressalva de que, por utilizar dos mecanismos de leitura e de escrita, os interlocutores devem digitar suas mensagens (BERNARDES e VIEIRA, 2011, p. 46).

No entanto, a leitura e a escrita não estão reservadas apenas às redes sociais: o uso de e-mails também demonstra forte inclinação dos entrevistados para essas duas atividades: a correspondência *online* reciclou a ideia das cartas manuscritas, acrescentando as vantagens que a tecnologia nos fornece, como a velocidade com que a informação chega ao destinatário e a possibilidade de enviar anexos, além de *links*. A pesquisa aponta, contudo, que o uso do correio eletrônico não é tão popular como o das redes sociais. Veja abaixo os gráficos:



Quantidade de e-mails lidos nos dias acessados.



Quantidade de e-mails escritos e/ou respondidos nos dias acessados.

Como se pode ver no primeiro gráfico, 61,3% leem de um a cinco e-mails e 22,5% fazem a leitura de seis a dez e-mails, enquanto 7,6% leem de onze a dezenove e-mails. Por fim, 4,5% leem de vinte a quarenta e-mails, ao passo que apenas 2,9% fazem a leitura de mais de quarenta e-mails.

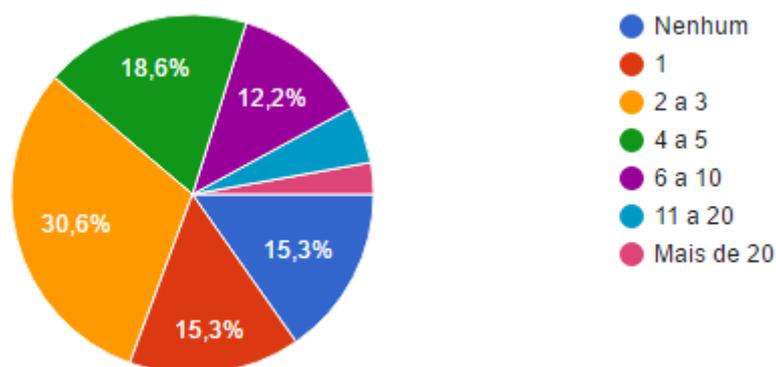
Quando se analisa o segundo gráfico, a diferença é ainda mais discrepante: 81,9% dos entrevistados escrevem de um a cinco e-mails, 8,3% escrevem de seis a dez e-mails e 2,8% enviam de onze a dezenove e-mails. Apenas 3% respondem e/ou mandam, e 0,7% escreve mais de 40 e-mails.

Um dos motivos para a despopularização do correio eletrônico em relação às redes sociais é a sua função: e-mails são utilizados com a intenção de enviar anexos para o correspondente, ou pontuar comentários sobre algum assunto muito específico. Eles não costumam ter o mesmo papel das cartas, que servem para relatar eventos cotidianos e se informar sobre a vida do destinatário. Isso é feito por meio de redes sociais, principalmente pelas plataformas de bate-papo.

Vale lembrar que as contas de e-mail também são usadas para fazer cadastros ou para acessar redes sociais e contas num geral. Isso explica a grande quantidade de usuários, ainda que com pouca atividade de leitura e de escrita por parte de muitos entrevistados. Mesmo assim, ainda que escassa, há a presença da leitura e da escrita nessa plataforma.

Isso porque o próprio conceito de leitura e de escrita mudou, como mostra Freitas (2011, p. 16), explicando que o texto *online* oferece “uma infinidade de possibilidades de ação, muitos caminhos para navegar. O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel”. Com um *link*, um anexo, uma divulgação de conteúdo que interesse ao destinatário, o e-mail se torna uma ferramenta multiuso, em que o leitor clica e é direcionado à ideia proposta. Ele age e reage conforme as informações que são veiculadas a ele. Assim, ao escrever uma correspondência eletrônica, ele convida o destinatário a interagir com o tema a ser discutido e/ou avaliado.

No entanto, a leitura não se condensa apenas nos meios digitais. Quando perguntados sobre a quantidade de livros lidos em 2016, 738 entrevistados responderam à essa pergunta. A maior porcentagem, 30,6%, foi para a leitura de dois ou de três livros. Apenas 15,3% não leram nenhum livro esse ano (lembrando que a pesquisa foi encerrada em junho de 2016).



Quantidade de livros lidos em 2016

Isso quer dizer que 625 entrevistados leram pelo menos um livro nesse ano, enquanto 113 não leram nenhum. Outro ponto é o de que a quantidade de pessoas que leram só um livro é a mesma da de pessoas que não leram nenhum: 15,3%.

Isso pode estar relacionado ao aumento da leitura de livros: como apontado na pesquisa da Fecomercio, houve crescimento de 6% na leitura de livros de 2014 para 2015. Esse crescimento pode ter progredido durante o primeiro semestre de 2016. Outro fator a ser considerado é o de que 70,1% dos entrevistados são estudantes, o que costuma causar um contato maior com livros.

De qualquer forma, isso prova que a leitura está representada em todos os meios, tanto nos registrados na folha de papel, como na comunicação virtual com o uso de redes sociais.

O último dado a ser analisado é o das idades: 535 entrevistados alegam ter entre 18 e 25 anos. Isso corresponde a 72,5% do total de 738 pessoas. Considerando a quantidade de horas que os entrevistados passam nas redes sociais, mostra-se que a afirmação contida no portal G1 é contraditória, já que explica que a Internet é uma das causas da queda da leitura, principalmente para os jovens¹¹. Os jovens estão lendo o tempo todo, ainda que não percebam isso.

¹¹ Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>>. Acesso em: 15 maio 2016.

6. CONCLUSÃO

O propósito dessa pesquisa foi provar que as pessoas estão lendo e escrevendo também na Internet, mas não há uma percepção sobre esses novos tipos de leitura e de escrita. Contudo, essas atividades não estão sendo prejudicadas pelo advento e pelo crescimento dos meios *online*. Muito pelo contrário, elas estão exercendo papel fundamental nesses processos. Sem elas, a comunicação digital quase se extingue.

Pode-se perceber, levando em consideração a história da leitura e da escrita, que essas duas competências foram recicladas pela era digital, já que não são feitas da forma clássica que foi padronizada com a invenção do alfabeto. Estas passaram a ser, dentre muitas outras coisas, duas formas de unir o mundo e de criar uma conexão que transcende o tempo e o espaço.

Assim, dissolve-se a necessidade da reprodução de sons, ou de uma escrita que segue padrões predeterminados por uma gramática. Freitas (2011, p.14) explica que “da discussão verbal passamos à demonstração visual, que hoje, mais do que nunca, se faz presente na tela do computador, no texto eletrônico”.

Trata-se, então, de um novo jeito de se comunicar e de registrar fatos e pensamentos. Por meio de plataformas de bate-papo, de redes sociais e de correios eletrônicos, divulgam-se ideias, gerando uma leitura, que é acompanhada de uma escrita como forma de resposta. Por sua vez, aquele a que se destina a resposta contestá-la-á também por meio da escrita. Assim, essas duas atividades estão interligadas e formam, como define Freitas (2011, p.17), “uma leitura e uma escrita coletiva”.

Tomando a leitura como transportadora de ideias e a escrita como um registro dessas, é interessante pensar que o crescimento da Internet possibilitou que as pessoas pudessem divulgar considerações sobre os mais variados temas. Todos que utilizam o campo *online*, ainda que não estejam lendo livros e textos, bem como escrevendo documentos, continuam praticando as duas ações. A diferença é que a Internet gerou novos meios para que essas sejam utilizadas, sendo fundamentais para o desenvolvimento da comunicação *online*.

Pode-se pensar a leitura e a escrita na era digital como dois campos que, juntos, modifiquem as relações que os seres humanos estabelecem uns com os outros. Assim, é possível oficializar um mundo em que as distâncias físicas e temporais não impedem interações: no que se trata de barreiras digitais, o único pré-

requisito para quebrá-las é se conectar à Internet e, assim, acessar um mundo de possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, P. **Dia da Informática**: confira a história do computador e sua evolução. Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/08/dia-da-informatica-confira-historia-do-computador-e-sua-evolucao.html>>. Acesso em: 14 maio 2016.

BAJARD, E. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

Brasil Escola. **Internet**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/informatica/internet.htm>>. Acesso em: 14 maio 2016.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso 2012.

FISCHER, S. **História da escrita**. São Paulo: editora UNESP, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREITAS, M. T. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GIL, A.C. **Como classificar as pesquisas?** Disponível em <http://www.ngd.ufsc.br/files/2012/04/ric_CLASSIFICAPESQUISAGIL.doc>. Acesso em: 24 jun. 2016.

GUGIK, G. **A história dos computadores e da computação**. Disponível em <<http://www.tecmundo.com.br/tecnologia-da-informacao/1697-a-historia-dos-computadores-e-da-computacao.htm>>. Acesso em: 14 maio 2016.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JEAN, Georges. **A escrita**: memória dos homens. Tradução Lídia da Mota Amaral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KOZMA, D. **A História da Internet**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=B0VY3jl1D9Y>>. Acesso em: 14 maio 2016.

LUCADO, Max. **Bíblia de estudo**: Vida plena. 1. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil 2013.

MARTINS, M. Helena. **O que é leitura**. 15. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Portal D'Arte. **Pintura Rupestre.** Disponível em: <<http://www.portaldarte.com.br/pinturarupestre.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

REDE CATARINENSE. **A História da Palavra:** O nascimento da escrita. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TVxmJoi-DDg>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SANT'ANNA, A. L. P. **História do computador em minutos.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F3qWg1JBPZg>>. Acesso em: 14 maio 2016.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral.** 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TELES, L. **70% dos brasileiros não leram em 2014, diz pesquisa da Fecomercio-RJ.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>>. Acesso em: 15 maio 2016.